CULTURA ARTÍSTICA

2011

ORQUESTRA FILARMÔNICA DE ROTTERDAM

LEONARD SLATKIN Regência

cpfl cultura. marque um encontro com as grandes ideias do mundo contemporâneo.

Refletir sobre os desafios atuais, expandir as fronteiras do pensamento.
Diferentes pontos de vista, em diferentes pontos de encontro.

Conheça nossas programações e acesse nossos conteúdos no site
www.cpflcultura.com.br

Patrocínio Realização

cpflcultura

MINISTÉRIO DA CULTURA E SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA APRESENTAM

ORQUESTRA FILARMÔNICA DE ROTTERDAM

LEONARD SLATKIN
Regência

City of Rotterdam

Port of Rotterdam

CULTURA ARTÍSTICA

2011

PATROCÍNIO

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

CPFL ENERGIA

CREDIT SUISSE

ESTADÃO

Telefônica

Ministério da Cultura

GOVERNO FEDERAL BRASIL PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

ORQUESTRA FILARMÔNICA DE ROTTERDAM

Música moldada por convicções profundas, impulsionada por vitalidade prodigiosa.
The Toronto Star, Toronto

MARCO BORGGREVE

Execução precisa, riqueza de repertório e sólida tradição operística caracterizam esse quase centenário *ensemble* holandês.

A Orquestra Filarmônica de Rotterdam, fundada em 1918, começou a ganhar notoriedade a partir da década de 1930, quando Eduard Flipse, maestro pioneiro na interpretação da moderna música erudita, alçou-a a posição de destaque tanto na vida cultural da cidade de Rotterdam como no panorama orquestral holandês. O alemão Franz-Paul Decker e, mais tarde, o francês Jean Fournet sucederam a Flipse no posto de regente principal, até que, em 1973, Edo de Waart assumiu o comando da orquestra. A partir daí, numerosas gravações, hoje consideradas históricas, e uma série de turnês de sucesso resultaram no ingresso da Filarmônica de Rotterdam no rol dos grandes *ensembles* europeus.

O passo seguinte viria com a nomeação, em 1995, do célebre maestro russo Valery Guerguiev como diretor musical do conjunto. Sob seu comando, a Orquestra Filarmônica de Rotterdam receberia novo e decisivo impulso, que em breve acabaria por situá-la entre as mais reputadas orquestras do cenário internacional da música de concerto. O regente franco-canadense Yannick Nézet-Séguin responde, desde o início da temporada 2008-2009, pela direção musical da orquestra.

Notável tem sido a atuação da Filarmônica de Rotterdam também no plano operístico. Destacam-se aí tanto *premières* de compositores contemporâneos, como o russo Alfred Schnittke, quanto aclamadas participações em montagens de *Pelléas et Mélisande*, de Claude Debussy, ou *Tristão e Isolda*, de Richard Wagner. Memorável é considerado até hoje o desempenho da orquestra no *BBC Proms* de 2000, quando, sob a batuta de *Sir* Simon Rattle, a Filarmônica de Rotterdam brilhou em elogiadíssima encenação de outra criação wagneriana: *Parsifal*.

Hoje, em *de Doelen*, sede da orquestra e uma das mais modernas salas de concerto europeias, a Orquestra Filarmônica de Rotterdam promove 70 concertos anuais por assinatura, além de atividades diversas voltadas para os públicos infantil e juvenil. Seus concertos educativos visam a formar novos ouvintes para a música clássica, uma das preocupações centrais do conjunto, que dá continuidade também, todo ano, ao Festival Guerguiev – série de concertos instituída em 1996 pelo maestro russo, regente honorário do *ensemble* de Rotterdam.

Lima, Rio de Janeiro e Buenos Aires são as demais cidades que integram a turnê sul-americana que, esta noite, traz a São Paulo a Orquestra Filarmônica de Rotterdam, sob a regência de Leonard Slatkin.

SAIBA MAIS

Registros muito especiais marcam a discografia e a história da Orquestra Filarmônica de Rotterdam. Um deles é a gravação, na década de 1950, das sinfonias de números 6 e 8 de Mahler, sob a regência de Eduard Flipse, louvada por ninguém menos que Leonard Bernstein. Outro, mais recente, contempla a obra de Maurice Ravel. *Ravel*, com interpretações regidas por Yannick Nézet-Séguin, foi agraciado com o prêmio *Edison* de 2010.

Em uma centena de discos gravados, 64 indicações ao *Grammy*, sete delas vitoriosas.

Os números, relativos ao prêmio máximo da indústria fonográfica norte-americana, certamente impressionam, mas eles refletem apenas uma pequena parte da carreira superlativa de um dos grandes nomes da regência na atualidade.

O norte-americano Leonard Slatkin nasceu em Los Angeles, em 1944, no seio de uma família de musicistas. Filho do violinista e também regente Felix Slatkin e da violoncelista Eleanor Aller, ele começou seus estudos musicais pelo violino. Na regência, iniciou-se com o pai, posteriormente dando sequência a sua formação em Aspen, sob a tutela do renomado maestro Walter Susskind, e, de 1964 a 1968, na prestigiosa *Juilliard School* nova-iorquina, onde estudou com Jean Morel.

Na Orquestra Sinfônica de Saint Louis, que Slatkin transformaria em um dos principais *ensembles* do concorrido cenário orquestral norte-americano, ingressou ainda em 1968. Em 1979, seria nomeado diretor musical, posto que ocuparia por 17 anos, até 1996.

Em seguida, assumiria a direção musical da Orquestra Sinfônica Nacional de Washington e, em 1999, a da Orquestra Sinfônica da BBC de Londres. Posição semelhante ocuparia também, a partir de 2008, à frente da Orquestra Sinfônica de Detroit e, mais recentemente, da *Orchestre National de Lyon*, que o maestro passará a comandar na temporada 2011-2012.

Durante essa bem-sucedida trajetória de mais de quatro décadas, Leonard Slatkin já regeu virtualmente todas as grandes orquestras norte-americanas, da Filarmônica de Nova York às sinfônicas de Chicago, Boston, San Francisco, Cleveland e Filadélfia. Ainda nos Estados Unidos, segue regendo a Orquestra Sinfônica de Pittsburgh, desde 2008 na qualidade de regente convidado principal. Na Europa, apresentou-se à frente, dentre outras, da Filarmônica de Berlim, da Orquestra Real do *Concertgebouw* de Amsterdã e da Filarmônica de Viena. E seus compromissos para a temporada 2010-2011 incluem apresentações com a *Staatskapelle* de Dresden, a *Gewandhaus* de Leipzig e a Orquestra Filarmônica da Radio France.

Honrarias diversas têm sido outorgadas ao maestro ao longo dos anos, dentre as quais destacam-se um doutorado honorário pela *Juilliard School*, a comenda de *Chevalier de la Légion d'Honneur*, concedida pelo governo francês, e a *National Medal of Arts*, distinção máxima concedida a um artista pelo governo norte-americano.

LEONARD SLATKIN

Regência

STEVE J. SHERMAN

SAIBA MAIS

À parte a atuação nos grandes palcos do mundo todo, Leonard Slatkin dedica-se com entusiasmo à formação de novos musicistas. Além de reger com frequência orquestras jovens, ele é fundador e diretor do *National Conducting Institute*, em Washington, voltado à preparação de novos regentes para a vida profissional.
Outras informações sobre Leonard Slatkin podem ser obtidas na página do maestro na internet: <www.leonardslatkin.com>.

O Banco do Brasil Seguros tem muito orgulho em ajudar a Sociedade de Cultura Artística a transformar a cultura brasileira em uma doce melodia.

BANCO DO BRASIL
Seguros

CNPJ: 28.196.889/0001-43

ORQUESTRA FILARMÔNICA DE ROTTERDAM

YANNICK NÉZET-SÉGUIN
Direção Musical

VALERY GUERGUIEV
Regente Honorário

Primeiros Violinos
Igor Gruppman *Spalla*
Bart Vandenbogaerde *Spalla Assistente*
Edward LeCouffe
Aesil Kim
Itamar Shimon
Arno Bons
Mireille van der Wart
Shelly Greenberg
Cor van der Linden
Rachel Browne
Maria Dingjan
Janwillem Toebes
Marie-José Schrijner
Noëmi Bodden
Petra Visser
Sophia Torrenga
Annelieke Schaefer-van Beest
Loortje van den Brink

Segundos Violinos
Charlotte Potgieter
Misha Furman
Frank de Groot
Laurens van Vliet
Agnes Tönkö
Ebred Reijnen
Tomoko Hara
Elina Hirvilammi-Staphorsius
Jun Yi Dou
Bob Bruyn
Letizia Sciarone
Eefje Habraken
Maija Reinikainen
Sumire Hara
Wim Ruitenbeek

Violas
Ron Ephrat
Anne Huser
Maartje van Rheeden
Michel Dobrowolski
Coen van der Heide
Alison Ewer
Kerstin Bonk
Lex Prummel
Janine Baller
Francis Saunders
Galahad Samson
Veronika Lenartova
Pierre-Marc Vernaudon

Violoncelos
Marien van Staalen
Floris Mijnders
Wladislaw Warenberg
Joanna Pachucka
Daniel Petrovitsch
Rob Hageman
Eekje Hoenderdaal
Geneviève LeCouffe
Mario Rio
Gé van Leeuwen
Eelco Beinema
Carla Schrijner
Pepijn Meeuws

Contrabaixos
Peter Luit
Matthew Midgley
Ying Lai Green
Harke Wiersma
Robert Franenberg
Peter Leerdam
Jonathan Focquaert
Joost Maegerman

Flautas
Herman van Kogelenberg
Juliëtte Hurel
Désirée Woudenberg

Flauta / Flautim
Wim Steinmann

Oboés
Remco de Vries
Karel Schoofs
Hans Cartigny
Anja van der Maten

Oboé / Corne Inglês
Ron Tijhuis

Clarinetes
Julien Hervé
Jan Jansen

Clarinete / Clarone
Romke-Jan Wijmenga

Fagote
Bram van Sambeek
Pieter Nuytten
Marianne Prommel

Fagote / Contrafagote
Hans Wisse

Trompas
Martin van de Merwe
Bob Stoel
Wendy Leliveld
Nico van Vliet
Jos Buurman
Richard Speetjens

Trompetes
Ad van Zon
André Heuvelman
Arto Hoornweg
Simon Wierenga
Jos Verspagen

Trombone
Pierre Volders
Alexander Verbeek
Remko de Jager

Trombone Baixo / Trombone Contrabaixo
Ben van Dijk

Tuba
Hendrik-Jan Renes

Timpanos / Percussão
Randy Max
Danny van de Wal
Huub Righarts
Ronald Ent
Martin Baai
Koen Plaetinck

Harpa
Charlotte Sprenkels

SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

MANTENEDORES E AMIGOS DA SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA — 2011

Este ano, toda contribuição ao programa de **Amigos e Mantenedores** será revertida para o projeto de reconstrução de nosso Teatro. A Lei Rouanet possibilita isenção fiscal de até 80% do valor que você investe no projeto, até o limite de 6% de seu imposto de renda a pagar.

MANTENEDORES

Adolpho Leirner
Affonso Celso Pastore
Airton Bobrow
Alexandre e Silvia Fix
Alfredo Rizkallah
Álvaro Luiz Fleury Malheiros
Ameribras Ind. e Comércio Ltda.
Ana Maria L. V. Igel
Antonio Carlos Barbosa de Oliveira
Antonio Carlos de Araújo Cintra
Antonio Correa Meyer
Antonio Hermann D. M. Azevedo
Arsenio Negro Junior
Bruno Alois Nowak
Carla Beatriz Danesi Pernambuco
Carlos Nehring Neto
Cláudio Thomaz Lobo Sonder
Dario Chebel Labaki Neto
Denise Ascenção Klatchoian
Dora Rosset
Elisa Wolynec
Erwin e Marie Kaufmann
Estrela do Mar Part. Adm. de Bens Ltda.
Fabio de Campos Lilla
Fanny Fix
Fernão Carlos B. Bracher
Francisco H. de Abreu Maffei
Gerard Loeb
Gioconda Bordon
Giovanni Guido Cerri
Gustavo Halbreich
Helga Verena Maffei
Helio Seibel
Henri Slezynger
Henrique Meirelles
Iosif Sancovsky
Israel Vainboim
Jacques Caradec
Jairo Cupertino
Joaquim de Alcantara Machado
Jorge e Léa Diamant
José E. Mindlin (*i.m.*)
José E. Queiroz Guimarães
José M. Martinez Zaragoza
José Roberto Mendonça de Barros
José Roberto Opice
Jovelino Carvalho Mineiro Filho
Kalil Cury Filho
Kristina Arnhold
Lea Regina Caffaro Terra
Lilia Katri Moritz Schwarcz
Livio de Vivo
Lucila e José Carlos Evangelista
Luiz Rodrigues Corvo
Luiz Gonzaga Marinho Brandão
Luiz Stuhlberger
Maria Bonomi
Marina Lafer
Mario Arthur Adler
Michael e Alina Perlman
Minidi Pedroso
Moshe Sendacz
Neli Aparecida de Faria
Nelson Nery Junior
Nelson Reis
Nelson Vieira Barreira
Oswaldo Henrique Silveira
Paulo Julio Valentino Bruna
Pedro Stern
Raphael Pereira Crizantho
Renata e Sergio Simon
Ricard Takeshi Akagawa
Ricardo Feltre
Ricardo L. Becker
Roberto Mehler
Roberto e Yara Baumgart
Roberto Viegas Calvo
Rodolfo Henrique Fischer
Rosa Nery
Ruth Maria Lahoz Mendonça de Barros
Ruy e Celia Korbivcher
Salim Taufic Schahin
Samy Katz
Sandor e Mariane Szego
Silvia e Fernando Carramaschi
Stela e Jayme Blay
Tamas Makray
Thyrso Martins
Ursula Baumgart
Vavy Pacheco Borges
Vitor Maiorino Netto
Wolfgang Knapp
17 Mantenedores Anônimos

AMIGOS

Abram Topczewski
Adelia e Cleõmenes Dias Baptista (*i.m.*)
Adriana Crespi
Alberto Emanuel Whitaker
Aluizio Guimarães Cupertino
Alvaro Oscar Campana
Ana Maria Malik
Andrea Sandro Calabi
Anna Maria Tuma Zacharias
Antonio Kanji Hoshikawa
Antonio Roque Citadini
BDO RCS Auditores Independentes
Calçados Casa Eurico
Carlos P. Rauscher
Carlos Souza Barros de Carvalhosa
Carmen Carvalhal Gonçalves
Cassio A. Macedo da Silva
Cassio Casseb Lima
Cathy e Roberto Faldini
Claudia A. G. Musto
Claudio Alberto Cury
Cláudio Roberto Cernea
Dario e Regina Guarita
Domingos Durant
Editora Pinsky Ltda
Edmond Andrei
Edson Eidi Kumagai
Elias e Elizabete Rocha Barros
Elisa Villares L. Cesar
Elisa Wolynec
Elisa Yuriko Fukuda
Eric Alexander Klug
Fernando de Azevedo Corrêa
Fernando K. Lottenberg
Fernando R. A. Abrantes
Franscisco José de Oliveira Junior
Galícia Empreendimentos e Participações Ltda.
George Longo
Giancarlo Gasperini
Gustavo H. Machado de Carvalho
Heinz J. Gruber
Helena Maffei Cruz
Helio Elkis
Henrique B. Larroudé
Henrique Eduardo Tichauer
Horacio Mario Kleinman
Isaac Popoutchi
Israel Sancovski
Issei Abe
Izabel Sobral
Irto de Souza
Jaime Pinsky
Jayme e Tatiana Serebrenic
Jayme Vargas
Jeanette Azar
João Baptista Raimo Jr.
José e Priscila Goldenberg
José Otavio Fagundes
José Paulo de Castro Emsenhuber
Katalin Borger
Leo Kupfer
Lilia Salomão
Luiz Diederichsen Villares
Luiz Henrique Martins Castro
Luiz Roberto Andrade de Novaes
Luiz Schwarcz
Maercio J. M. Machado
Marcello Fabiano de Franco
Marcello D. Bronstein
Marco Tullio Bottino
Maria Stella Moraes R. do Valle
Maria Joaquina Marques Dias
Maria Teresa Igel
Maria Zilda Oliveira de Araújo
Mario Augusto Ceva
Mario e Dorothy Eberhardt
Mario R. Rizkallah
Marta D. Grostein
Marta Katz Migliori
Mauris Warchavchik
Morris Safdie
Nachun Berger
Norma Vannucci Di Grado
Olavo Egydio Setubal Jr.
Oscar Lafer
Paulo Guilherme Leser
Paulo Proushan
Pedro Spyridion Yannoulis
Polia Lerner Hamburger
Plínio José Marafon
Regina Weinberg
Renato Lanzi
Ricardo Bohn Gonçalves
Roberto Adauto Amaral Riedo
Rubens Halaban
Rubens Muszkat
Ruy Souza e Silva
Sergio G. de Almeida
Sergio Leal C. Guerreiro
Sheila Hara
Silvia Dias de Alcantara Machado
Sonia Regina Cottas de Jesus Freitas
Thomas Frank Tichauer
Thomaz Michael Lanz
Ulysses de Paula Eduardo Jr.
Victor Abel Grostein
Vivian Abdalla Hannud
Walter Ceneviva
Wilma Kövesi (*i.m.*)
37 Amigos Anônimos

Para mais informações, ligue para (11) 3256 0223 ou escreva para <administracao@culturaartistica.com.br>.

Lista atualizada em 13 de junho de 2011.

PATROCÍNIO

Patrocinar a Temporada Internacional Cultura Artística é associar o nome de sua empresa a uma programação sempre em relevo no calendário artístico anual de São Paulo.

Agradecemos muito o apoio de nossos patrocinadores.

PATROCINADOR PLATINA

SUZANO

PATROCINADORES OURO

BAIN & COMPANY

BANCO DO BRASIL Seguros

MACHADO MEYER

PINHEIRO NETO ADVOGADOS

SEMP TOSHIBA

PATROCINADORES PRATA

AURORA

Banco Schahin

Cisa Trading

Grupo Promon

Morlan

UNIGEL

PATROCINADORES BRONZE

AZEVEDO & TRAVASSOS

ELECTRO PLASTIC

Leo MADEIRAS E MUITO MAIS.

livraria cultura

RP Rosenberg Partners

BDO

RCS agora é BDO no Brasil

Especialista no atendimento a médias e pequenas empresas

- 5ª no Brasil e no mundo
- 119 países
- 1.082 escritórios, 9 no Brasil
- 46.930 profissionais, 400 no Brasil

- Auditoria
- Impostos
- Consultoria
- Contabilidade

www.bdobrazilrcs.com.br
contato@bdobrazilrcs.com.br

BDO RCS Auditores Independentes, uma empresa brasileira de sociedade simples, é membro da BDO International Limited, uma companhia limitada por garantia do Reino Unido, e faz parte da rede internacional BDO de firmas-membro independentes. BDO é o nome comercial para a rede BDO e cada uma das firmas membro BDO.

A música e o silêncio

Uma questão recorrente entre jovens espectadores que começam a frequentar as salas de concerto diz respeito à obrigatoriedade do silêncio durante as apresentações. Cruzar as pernas repetidas vezes; mudar a posição dos braços; procurar uma posição mais confortável na poltrona. Essas ou outras atitudes que possam demonstrar impaciência provocam olhares reprovadores dos vizinhos que conseguem permanecer quase imóveis durante todo o espetáculo. O público recém-chegado, e muito bem-vindo, sente-se constrangido por não ser capaz de controlar satisfatoriamente o corpo.

No DVD do concerto de estreia de Gustavo Dudamel à frente da Filarmônica de Los Angeles, ele fala justamente sobre o silêncio. Um maestro jovem, com raízes sul-americanas e criado ao sabor de temperaturas e ritmos mais quentes, digamos assim, pode ser bastante convincente quando o assunto é o silêncio nas salas de concertos. Com sua atraente descontração, Dudamel diz que o silêncio é, sim, necessário. Não por obediência a uma tradição, mas devido à própria natureza da música: ela nasce do silêncio e a ele retorna.

É importante ouvir o silêncio durante os intervalos entre os movimentos de uma obra; é emocionante perceber a quietude que envolve o teatro ao final de uma sinfonia ou de um concerto. A música dialoga com o silêncio. Se não somos capazes de perceber essa relação, perdemos a oportunidade de escutar não apenas a música em si, mas também nossa própria voz.

Bom concerto a todos, principalmente aos que começam a se aproximar desta música: clássica, erudita ou de concerto. Pode-se chamá-la de muitos nomes, sempre insuficientes para abarcar sua beleza e sua complexidade.

Gioconda Bordon
<gioconda@culturaartistica.com.br>

ORQUESTRA FILARMÔNICA DE ROTTERDAM

LEONARD SLATKIN
Regência

SÉRIE BRANCA
Sala São Paulo

28 de junho, terça-feira, 21H

Franz Josef Haydn (1732-1809)

SINFONIA Nº 100,
EM SOL MAIOR ("MILITAR") *C.* 25'

Adagio — Allegro
Allegretto
Menuet: moderato
Finale: presto

Samuel Barber (1910-1981)

ENSAIO PARA ORQUESTRA Nº 2, OPUS 17 *C.* 10'

Intervalo

Piotr Ilich Tchaikovsky (1840-1893)

SINFONIA Nº 4, EM FÁ MENOR, OPUS 36 *C.* 45'

Andante sostenuto — Moderato con anima — Moderato assai — Quasi andante — Allegro con anima
Andantino in modo di canzona
Scherzo: pizzicato ostinato
Finale: allegro con fuoco

SÉRIE AZUL

Sala São Paulo

29 de junho, quarta-feira, 21H

Franz Josef Haydn (1732-1809)

SINFONIA Nº 100, EM SOL MAIOR ("MILITAR") C. 25'

Adagio — Allegro
Allegretto
Menuet: moderato
Finale: presto

Samuel Barber (1910-1981)

ENSAIO PARA ORQUESTRA Nº 2, OPUS 17 C. 10'

Intervalo

Serguei Rachmaninov (1873-1943)

SINFONIA Nº 2, EM MI MENOR, OPUS 27 C. 55'

Largo — Allegro moderato
Allegro molto
Adagio
Allegro vivace

SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

Próximos Concertos

Sala São Paulo

Orquestra Sinfônica do Porto Casa da Música
Christoph König Regência

Série Branca, 25 de julho, segunda-feira, 21H
Série Azul, 26 de julho, terça-feira, 21H

LACERDA Almourol
MAHLER Sinfonia nº 5

Sala São Paulo

Britten Sinfonia
Pekka Kuusisto Regência
Allan Clayton Tenor

Série Branca, 6 de agosto, sábado, 21H
Série Azul, 13 de agosto, sábado, 21H

PURCELL Fantasia VII, Let the Night Perish, Fantasia XIII
TIPPETT A Lament (*Divertimento on "Sellinger's Round"*)
BRITTEN Les Illuminations
REICH Duet
ADAMS Shaker Loops

Informações e ingressos:
(11) 3258 3344

Vendas online:
<www.culturaartistica.com.br>

O conteúdo editorial dos programas da Temporada 2011 encontra-se disponível em nosso site uma semana antes dos respectivos concertos.

Programação sujeita a alterações.

Opiniões de quem pediu bis e até de quem foi embora no intervalo.

Novo site e aplicativo Divirta-se.

Você pode acessar, dar sua opinião e ver comentários de outras pessoas.

É o Divirta-se do jornal e da rádio agora também on-line.

:D Divirta-se.estadao.com.br

ESTADÃO

APOIADORES DA RECONSTRUÇÃO

Nesta página, listaremos todas as pessoas e organizações que têm contribuído concretamente para a reconstrução do nosso Teatro.

A vocês, o nosso muito obrigado!

Agência Estado
Aggrego Consultores
Álvaro Luis Fleury Malheiros
Ana Maria Levy Villela Igel
Ana Maria Xavier
Antonio Carlos Barbosa de Oliveira
Antônio Fagundes
Antonio Teofilo de Andrade Orth
Area Parking
Arnaldo Malheiros
Arsenio Negro Júnior
Aurora Bebidas e Alimentos Finos
Banco Pine
Banco Safra
Beatriz Segall
BicBanco
Brasília de Arruda Botelho
Bruno Alois Nowak
Camila Zanchetta
Camilla Telles Ferreira Santos
Carta Capital
CBN
Claudio Cruz
Claudio e Rose Sonder
Claudio Lottenberg
Claudio Roberto Cernea
Cleômenes Mário Dias Baptista (*i.m.*)
Compacta Engenharia
CCE
Condomínio São Luiz
Construtora São José
Credit Suisse
Credit Suisse Hedging-Griffo
Diário de Guarulhos
Editora Abril
Editora Contexto (Editora Pinsky)
Editora Globo
Editora Três
Elaine Angel
Elias Victor Nigri
EMS
Ercília Lobo
Erwin e Marie Kaufmann
Eurofarma
Fabio de Campos Lilla
Famílias Fix, Korbivcher e Ventura
Fernando Francisco Garcia
Fernão Carlos Botelho Bracher
Festival de Salzburgo
Flávio e Sylvia Pinho de Almeida
Folha de S. Paulo
Francisco Humberto de Abreu Maffei
Frederico Perret
Fulano Filmes
Fundação Padre Anchieta
Fundação Promon
Gabriela Duarte
Gérard Loeb
Gilberto Kassab
Gilberto Tinetti
Gioconda Bordon
Giovanni Guido Cerri
Helga Verena Maffei
Henri Philippe Reichstull
Hotel Ca' d'Oro
Hotel Maksoud Plaza
Idort/SP
iG
Israel Vainboim
Izilda França
Jacques Caradec
Jairo Cupertino
Jamil Maluf
Jayme Bobrow
Jayme Sverner
José Carlos Dias
José Carlos e Lucila Evangelista
José Roberto Mendonça de Barros
José Roberto Ópice
Jovelino Carvalho Mineiro Filho
Katalin Borger
Lea Regina Caffaro Terra
Leo Madeiras
Lúcia Cauduro
Lúcia Fernandez Hauptmann
Luiz Rodrigues Corvo
Machado, Meyer, Sendacz e Ópice Advogados
Mahle Metal Leve
Marcelo Mansfield
Marco Nanini
Maria Adelaide Amaral
Maria Helena Zockun
Marina Lafer
Mario Arthur Adler
Marion Meyer
Max Feffer (*i.m.*)
McKinsey
Michael e Alina Perlman
Minidi Pedroso
Mônica Salmaso
Natura
Nelson Breanza
Nelson Kon
Nelson Reis
Nelson Vieira Barreira
O Estado de S. Paulo
Oi Futuro
Orquestra Filarmônica Brasileira
Oscar Lafer
Paulo Bruna
Pedro Herz
Pedro Pullen Parente
Pedro Stern
Pinheiro Neto Advogados
Polierg
Porto Seguro
Racional Engenharia
Rádio Bandeirantes
Rádio Eldorado
Revista Brasileiros
Revista Concerto
Revista Piauí
Ricardo Feltre
Ricardo Ramenzoni
Roberto Baumgart
Roberto Minczuk
Roberto Viegas Calvo
Rodolfo Henrique Fischer
Santander
Seleções Reader's Digest
Semp Toshiba
Sidnei Epelman
Silvia Ferreira Santos Wolff
Silvio Feitosa
Stela e Jayme Blay
Susanna Sancovsky
Sylvia Pinho
Talent
Tamas Makray
Teatro Alfa
Terra
TV Globo
Unigel
Uol
Ursula Baumgart
Vale
Vavy Pacheco Borges
Wolfgang Knapp
Yara Baumgart
Zuza Homem de Mello

Franz Josef Haydn (1732-1809)

SINFONIA Nº 100, EM SOL MAIOR

Ainda que tenha vivido por cerca de 30 anos encerrado no castelo rococó do príncipe Esterházy, nos distantes campos da Hungria, longe da capital do império, Viena, Haydn tornou-se conhecido em boa parte da Europa. Isso, graças à alta qualidade e à originalidade de suas obras — tal juízo de valor, por certo, prendia-se ao menos àquelas obras que conseguiam transpor os muros do castelo e que garantiram a ele fama verdadeiramente internacional. Acerca dessa situação peculiar, e com sua costumeira ironia, o compositor disse certa vez que, deixado sozinho em um castelo, só lhe restara a obrigação de ser original.

Considerado já "um velho" em seu tempo (em 1791, ano da morte de Mozart, tinha 59 anos), Haydn recebeu um atraente convite do empresário de espetáculos musicais Johann Peter Salomon: ir a Londres, a fim de mostrar suas sinfonias mais recentes com grande orquestra. Para essa excursão, levou na bagagem as partituras de seis sinfonias inéditas, as de números 93 a 97. Com elas, fez um sucesso extraordinário, passando a ser adorado pelo público londrino. Houve até mais de um convite para que fosse morar em definitivo na capital inglesa.

Dada a recepção apoteótica, o empresário Salomon fez-lhe novo convite, chamando-o de volta às Ilhas Britânicas em 1793, dessa vez para excursão de maior duração que a primeira. Para a nova viagem, Haydn escreveu outras seis sinfonias, as de números 99 a 104, além da Sinfonia Concertante, a de nº 105.

A *Sinfonia nº 100, em Sol maior*, foi composta em 1794 para uma orquestra então considerada grande, que adicionava madeiras, metais e percussão às habituais cordas. O público logo percebeu o caráter "militar" da nova sinfonia, e foi assim que seus signos guerreiros — marchas com tambores, trompetes e flautins — acabaram por dar a ela o apelido que se tornou definitivo: "militar".

Como cidadão de Viena, Haydn vivia sob o pavor da possibilidade de uma avassaladora invasão turca, que nunca acontecia, mas era sempre esperada com temor. Por outro lado, ele pertencia a uma época na qual os perigos da guerra levavam os mais sensíveis ao medo a fantasias mórbidas e manias. Ao dar tratamento musical à guerra, Haydn fez como adultos e crianças, que ora brincavam com solda-

dinhos de chumbo, ora com figuras recortadas em papel cartão. Nessa medida, é possível dizer que sua guerra, tal como representada na Sinfonia "Militar", não passa da tentativa de exorcizar um ataque de medo por intermédio do humor, da brincadeira, da demonstração da alegria de viver.

(Como já havia feito Mozart, que usara em óperas, sinfonias e concertos a então chamada "música turca" — pequeno grupo de instrumentos reunindo trompete, triângulo, prato, tambores e bumbo —, Haydn se valeu desse gesto sonoro como séries de risos em meio ao discurso sério da sinfonia).

É de maneira delicada e etérea que se abre a Sinfonia em Sol maior (*Adagio*), com uma notável introdução, repleta de cores instrumentais. Ela se liga astutamente ao esperado *Allegro*, feito de temas espantosos, de configuração incomum. Um desses temas, bastante impositivo, prefigura a cena "guerreira" que eclodirá no segundo movimento. O segundo tema é belamente melódico. E no claro-escuro desse movimento inicial, já se ouve o milagre: um inocente tema "camponês", de repente, veste farda para ir à guerra.

No *Allegretto* que vem em seguida, o musicólogo italiano Luigi Della Croce percebeu: "Esse tema é verdadeiramente o símbolo de Haydn, um sorriso que se encontra continuamente em suas obras". E, depois de listar uma série de outras partituras nas quais esse delicioso gesto musical aparece, acrescenta: "Coroado de flores, envolto em uma auréola cada vez mais viva, o tema chega a seu glorioso ápice, após o que os apelos dos trompetes ressoam, seguidos de um rolar de timbales que soa quase como o ribombar dos canhões. Toda a orquestra por fim explode em uma série de acordes [...]. Há nessa música um conteúdo de fatalismo e de paixão, de ardor e de abandono, liberado magicamente por um tema frívolo em vestes militares".

O *Menuet* que se segue retoma antigas ideias que Haydn tinha a respeito dessa dança, a qual, em sua época, já não se dançava mais, porque saíra de moda. Estilizada, o compositor a utilizava em suas sinfonias a fim de dar ao público alguns minutos de descanso auditivo, de relaxamento intelectual. O minueto da Sinfonia em Sol maior se distingue por ser muito desenvolvido: parece ser uma forma-sonata em formato reduzido e até coreográfico. A invenção rítmico-melódica espelha o lado alegre e folgazão do compositor.

O *Finale*, um *Presto* em compasso 6/8, é bastante amplo e utiliza traços formais de rondó e de forma-sonata à base de dois temas principais. Como bem notou o musicólogo Maurice Vignal, "um solo de tímpano de um só compasso introduz o fantástico Desenvolvimento, de modulações espetaculares, de silêncios por vezes expressivos e dramáticos, e fica-se sem saber que direção tudo isso vai tomar". A brilhante Coda traz de volta, mais uma vez, toda a percussão "turca" que batizou a sinfonia, a fim de dar um toque a mais de "exotismo" a essa deliciosa peça.

Samuel Barber (1910-1981)

ENSAIO PARA ORQUESTRA Nº 2, OP. 17

Como aconteceu com vários artistas de diversas latitudes, o norte-americano Samuel Barber parece ter vivido com o corpo no revolucionário século XX e a alma criativa no sonhador e apaixonado século XIX. Deixou um catálogo de mais de 150 obras, boa parte delas dedicadas à voz — sobretudo canções e óperas. Seu dom melódico, bastante evidente e natural, sempre foi colocado entre os principais predicados de seu estilo conservador e elegante, que alguns chamaram de "romântico moderno".

Nascido em uma família de cultura acima da média, na Pensilvânia, ele começou a compor aos 7 anos de idade, realizando, depois, seus estudos musicais no Instituto Curtis da Filadélfia. Aos 25 anos, Barber ganhou um prêmio e foi para a Itália, onde se tornou membro da Academia Americana de Roma. Sua estada ali possibilitou-lhe também aprofundar seus conhecimentos de artes plásticas, arquitetura e literatura. Foi nesse período que ele encontrou o também bastante jovem compositor italiano Gian Carlo Menotti, a quem se ligou profundamente por um longo período de tempo, tanto no plano profissional como no pessoal. Com ou sem o companheiro, Samuel esteve, depois, várias vezes na Europa.

Quando a relação de ambos os artistas foi rompida, na década de 1970, Barber passou por uma fase difícil, com depressões, crises de solidão, alcoolismo e dificuldades criativas. Mas tinha muitos amigos que o confortavam. Superada essa fase, Barber voltou a ser o artista culto e irônico, de espírito cintilante, que as pessoas amavam ou odiavam. Passou seus últimos anos em um belo apartamento em Nova York, com vista privilegiada para o Central Park, mas sentia-se quase sempre cansado e entediado. Morreu de um doloroso câncer.

O revolucionário século musical em que viveu não deixou grandes marcas na música de Barber, um temperamento lírico, voltado para as estruturas e a expressividade emotiva provenientes do Romantismo do século XIX. Já se disse que sua lógica musical, o desenho arquitetônico de suas peças, seu dom melódico natural e o apelo emocional direto de sua criação sempre foram constantes em sua arte, mesmo com a sofisticação harmônica e a complexidade rítmica assimiladas posteriormente, sobretudo a partir da audição de obras do período neoclássico de Stravinsky. Barber ganhou vários prêmios nos Estados Unidos, como o Pulitzer, por duas vezes – pela ópera *Vanessa* (1936) e pelo *Concerto para Piano* (1961-1962).

Compondo relativamente pouco para orquestra, Barber escreveu dois curtos "Ensaios" para o aparato instrumental. O termo "ensaio" (*essay*) deve ser compreendido, aí, em sentido literário ou filosófico, como a apresentação e a discussão de um ou mais temas, ação durante a qual aqueles que nela estão envolvidos procuram dar sentido a tal perquirição.

Os dois *Essays* foram escritos, respectivamente, em 1937 e 1942. O segundo deles tem mais estatura e senso de proporção que o primeiro. Os três temas (o primeiro, anunciado por um solo de flauta; o segundo, pelas violas; o terceiro, pelos metais) são desenvolvidos com destreza, em uma seção à base de uma fuga, alcançando, assim, um clímax dramático. A repetição do primeiro tema, *fortissimo*, é seguida por uma Coda, na qual o terceiro tema é sugerido pelos contrabaixos.

Piotr Ilich Tchaikovsky (1840-1893)

SINFONIA Nº 4, EM FÁ MENOR, OP. 36

Há estudiosos que consideram a Quarta Sinfonia de Tchaikovsky a mais completa de seu ciclo sinfônico. Para eles, sua concepção da forma é segura e muito clara, lógica; a irrigação da estrutura com ideias a um só tempo belas e funcionais levam a partitura a atingir um alto patamar na produção sinfônica da época; por fim, destacam a orquestração, de imaginação, cor e perspicácia – no tocante a seus efeitos – incomparáveis.

A Sinfonia em Fá menor, op. 36, foi escrita entre 1877 e 1878, em um período no qual o artista viveu entre o céu e o inferno. É verdade que, à época, a milionária madame von Meck dava início à ajuda que libertaria o compositor de toda e qualquer necessidade financeira ou de trabalho – fora compor, é claro. Naquele momento, Tchaikovsky continuava a compor a ópera *Ievguêni Oneguin*, na qual depositava muitas esperanças. Contudo, em um gesto desesperado para ocultar a condição de homossexual, o artista se casou com uma fã desequilibrada, que mal conhecia, o que só lhe trouxe sérios problemas, colocando-o em situações inenarráveis.

Estreada em Moscou, em fevereiro de 1878, a Quarta Sinfonia não fez sucesso. Em contrapartida, triunfou em São Petersburgo, onde foi necessário bisar o *Scherzo*.

O *Andante sostenuto* é aberto por um motivo fortemente rítmico, ao qual o artista atribuía o significado do *fatum* ("destino" ou "força fatal"). Para ele, tratava-se da ideia principal da sinfonia, onde a obra toda se encontrava em estado germinal. Depois de mais alguns momentos de tensão, a fanfarra inicial é repetida pelos metais, de maneira a um só tempo imponente, brilhante e muito dramática. Segundo o próprio autor, momentos como esses são repletos daquele "sentimento de ausência de alegria e de esperança", estado de espírito do qual ele procurava fugir. Musicalmente, isso se dá por intermédio de uma linda valsa (*Moderato con anima*) que anima a obra. Mas a sombra do *fatum* volta a golpeá-lo dolorosamente. Assim, o final desse primeiro movimento, sempre segundo seu criador, representa a alma despedaçada do pobre artista.

O *Andantino in modo di canzona* que vem em seguida "exprime outra fase da angústia", conforme o autor comunicou em carta confessional à nova protetora. O tema principal dessa *canzona* (antiga forma italiana, de seções relativamente curtas) é apresentado pelo oboé, retomado pelo violoncelo e, finalmente, pelo fagote, com um contraponto animado pelas cordas. Na parte central, os pedidos e preces são acentuados por fanfarras do tema *fatum*. A primeira parte do movimento retorna, só que com instrumentação diferente, indo em direção a um elemento temático ainda não ouvido.

O *Scherzo: pizzicato ostinato* é um delicioso e inesperado instante de virtuosismo instrumental. Pondo os arcos para descansar, os integrantes da seção das cordas passam a usar os dedos para "beliscar" as cordas de seus instrumentos. Resulta daí uma dança, toda ela em *staccato*, que até hoje produz grande efeito de prazer no público. A seu respeito,

Tchaikovsky escreveu: "São arabescos caprichosos, produzindo imagens impalpáveis, que passam pela imaginação quando se bebe um pouco de vinho". De forma A-B-A, toda a primeira parte desse *Scherzo* é tocada pelo grupo de cordas em *pizzicati*. Notável é o contraste com a parte B, onde os instrumentos de sopro entoam uma cançoneta de teor intencionalmente vulgar.

No *Allegro con fuoco*, Tchaikovsky desejou simbolizar o remédio para aqueles que estão tristes e sozinhos: participar da viva agitação de uma festa popular. A ação é aberta por metais e cordas em um gesto grandiloquente, apresentado duas vezes e ligando-se a ideias cintilantes. Uma delas transforma-se na dança de aspecto oriental que todos querem dançar. Várias passagens de animação variada são finamente amarradas umas às outras, até que o tema cíclico do início torna a aparecer. Ele próprio, porém, surge agora transformado, com as galas de uma apoteose que faz a orquestra soar como se estivesse à beira de uma explosão.

Serguei Rachmaninov (1873-1943)

SINFONIA Nº 2, EM MI MENOR, OP. 27

Colega de classe de Scriabin no Conservatório de São Petersburgo e, depois, em Moscou, Rachmaninov tinha uma personalidade musical que o colocava no polo oposto àquele ocupado por seu contemporâneo ultramodernista. Herdeiro do melodismo sentimental de Tchaikovsky, personalidade sujeita a grandes depressões, sempre morrendo de saudades da velha Rússia, Rachmaninov continua sendo considerado o último grande representante do Romantismo retardatário do país onde nasceu.

Vivendo na Rússia até a eclosão da revolução bolchevique, Rachmaninov desenvolveu ali uma brilhante carreira de compositor, regente e pianista virtuose. Óperas como *Aleko* e *Francesca da Rimini*, três concertos para piano, duas sinfonias, dezenas de canções e de peças para piano faziam, até então, parte do seu generoso catálogo, pertencente aos últimos anos da monarquia russa. Ao se transferir para o Ocidente, em 1917, passou a ganhar a vida como pianista — um dos mais estupendos da época. Mas, entre outras coisas, a sobrecarregada carreira de virtuose inibiu seu trabalho criativo como compositor; assim, são poucas as obras escritas por ele no Ocidente, menos de uma quarta parte do seu legado.

A Sinfonia nº 2, op. 27, foi composta em 1906-1907, em grande parte durante a temporada que Rachmaninov viveu em Dresden, a mais bela cidade do Barroco alemão. É a mais longa das três sinfonias do autor — sua execução dura cerca de uma hora. A orquestra requerida, além dos instrumentos de uma sinfônica normal, pede clarone, tambor, tímpanos, bumbo e jogo de campainhas.

No *Largo* inicial, bastante lento, o compositor faz sair das profundezas dos metais o esboço de um motivo algo amedrontador, que, endereçando-se aos agudos, torna-se uma melodia mais firmemente delineada, mas não menos ameaçadora. Ela assume sua fisionomia completa nos violinos, logo se espalhando por toda a orquestra, em escrita feita de complicados contrapontos. Essa melodia se faz, então, mais rápida, vívida e sincopada, consolidando-se, assim, como primeiro tema do *Allegro moderato* que vem a seguir. Dessa maneira, o compositor transforma os murmúrios e lamentos do início em uma apaixonada melodia, muito lírica, dada aos violinos. As cordas irrigam o *Allegro* inicial com esse motivo tornado algo dançante e soluçante. E, como um todo, a orquestra canta. Bastante líricas são também as duas novas ideias que vêm encerrar a Exposição. O Desenvolvimento introduz modificações fantásticas nesses temas, submetendo-os a transformações rítmicas e de coloração orquestral. No final da Recapitulação, são chamados de volta os apelos dos metais, ouvidos no começo do movimento. A Coda, por sua volta, retoma o tom menor do início, e seu rápido motivo rítmico-melódico é interrompido de maneira algo brusca.

O *Allegro molto* que vem em seguida é um robusto *Scherzo*, semelhante a um rodopio do qual participam os metais e, logo depois de uma passagem mais branda, também as cordas. Estas transformam a matéria sonora em um fio melódico belo e expansivo, que o clarinete e o oboé vêm ornamentar. A segunda parte desse movimento é uma espécie de *perpetuum mobile* das cordas, que começam como se quisessem fazer soar uma fuga, pela qual passam várias ideias já apresentadas, incluindo-se aí o coral dos metais, sempre com seu ar de música de catedral. O movimento se esvai aos poucos em direção ao silêncio.

Não sem razão, muitos consideram o *Adagio* o movimento mais pessoal e envolvente da partitura. Nele, dois temas principais alimentam a efusão lírica. A natureza um tanto oriental e muito cativante desse *Adagio* traz consigo emoções de um cantar melancó-

MAKSOUD PLAZA
SÃO PAULO - BRASIL

Há 31 anos, referência na cidade de São Paulo, sempre aliando Tradição e Modernidade.

WiFi ZONE Acesso ultra-rápido sem fio no Pavilhão de Eventos, Teatro, Restaurantes, Lobby e Lounge.

O Maksoud Plaza oferece hospedagem com o máximo de conforto e segurança. São 416 apartamentos e suítes, 4 Restaurantes e 5 Bares abertos 24 horas por dia, teatro com 420 lugares, academia de ginástica e sauna, estacionamento com seguro, além das menores tarifas do mercado. O Pavilhão de Eventos totaliza 5.000m² de áreas multifuncionais para todos os tipos de eventos e salas de reunião de diversos tamanhos. Tudo isto na melhor localização de São Paulo, a uma quadra da Avenida Paulista e ao lado da Estação Trianon / Masp do Metrô.

Alameda Campinas, 150
Bela Vista • São Paulo • SP
Tel.: (55 11) 3145-8000
Fax: (55 11) 3145-8001
maksoud@maksoud.com.br

Informações e Reservas:
Toll Free Brasil: 0800.13.44.11
www.maksoud.com.br

lico. As cordas todas, da maneira mais apaixonada, auxiliam a ampliar esse sentimento. Depois, vem o segundo tema, no qual também o clarinete expõe esse sentimento melancólico, já um bocado obsessivo. A repetição do motivo principal do primeiro movimento lembra-nos de que o autor se liga ao procedimento cíclico. Na parte central, novas meditações pessimistas se fazem ouvir, com a repetição de um motivo pelo oboé. O retorno da primeira parte põe fim ao movimento, construído à base de um refinado entrelaçar de linhas polifônicas.

O *Allegro vivace* final é aberto por um tema alerta, cheio de alegria de viver, que é ouvido duas vezes. Entre uma e outra, um ritmo de marcha toma conta dos sopros, à meia voz. Segue-se uma longa ideia temática, de teor muito apaixonado, que dá à música um ar bastante sereno e feliz. Seis compassos em andamento lento fazem lembrar um trecho do movimento anterior. Esse motivo é, então, sobreposto ao tema cíclico, e vários instrumentos são chamados a colaborar em uma espécie de apoteose. Um clima de júbilo quase incontrolável se apodera de toda a orquestra, que encerra a obra com quatro acordes secos, muito característicos do compositor.

Comentários de **J. Jota de Moraes**

Edição SERGIO TELLAROLI
Projeto gráfico CARLO ZUFELLATO e PAULO HUMBERTO L. DE ALMEIDA
Editoração eletrônica BVDA / BRASIL VERDE
Fotos da capa STEVE J. SHERMAN (Slatkin) e DIVULGAÇÃO (Orquestra)
Fotos não creditadas DIVULGAÇÃO
Assessoria de imprensa EDISON PAES DE MELO (Editor)
CTP e impressão IPSIS

SUZANO
Investindo na *música* para harmonizar *relações.*

CULTURA ARTÍSTICA 2011

ORQUESTRA DO FESTIVAL DE BUDAPESTE
IVÁN FISCHER Regência
JÓZSEF LENDVAY Violino
DEJAN LAZIĆ Piano
7 e 8 de MAIO SALA SÃO PAULO

EMERSON STRING QUARTET
21 e 22 de MAIO SALA SÃO PAULO

ORQUESTRA DE CÂMARA DE MUNIQUE
CHRISTIANE OELZE Soprano
9 e 11 de JUNHO SALA SÃO PAULO

ORQUESTRA SIMÓN BOLÍVAR DA VENEZUELA
GUSTAVO DUDAMEL Regência
19, 20 e 21 de JUNHO SALA SÃO PAULO

ORQUESTRA FILARMÔNICA DE ROTTERDAM
LEONARD SLATKIN Regência
28 e 29 de JUNHO SALA SÃO PAULO

ORQUESTRA SINFÔNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA
CHRISTOPH KÖNIG Regência
25 e 26 de JULHO SALA SÃO PAULO

BRITTEN SINFONIA
PEKKA KUUSISTO Regência
ALLAN CLAYTON Tenor
6 e 13 de AGOSTO SALA SÃO PAULO

FILARMÔNICA DE CÂMARA DE BREMEN
Deutsche Kammerphilharmonie Bremen
CHRISTIAN TETZLAFF Violino e Regência
23 e 24 de AGOSTO SALA SÃO PAULO

PHILIP GLASS Piano
TIM FAIN Violino
13 e 14 de SETEMBRO SALA SÃO PAULO

ENSEMBLE ORCHESTRAL DE PARIS
CORO ACCENTUS
LAURENCE EQUILBEY Regência
30 de SETEMBRO e 1º de OUTUBRO SALA SÃO PAULO

SONATORI DE LA GIOIOSA MARCA
FRANCESCO FANNA Regência
GEMMA BERTAGNOLLI Soprano
MANUELA CUSTER Mezzosoprano
SUSANNA MONCAYO Mezzosoprano
18 e 19 de OUTUBRO SALA SÃO PAULO

DATAS E PROGRAMAÇÃO SUJEITAS A ALTERAÇÕES.

SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

DIRETORIA

Presidente
Pedro Herz

Diretores
Cláudio Sonder
Antonio Hermann D. Menezes de Azevedo
Gioconda Bordon
Ricardo Becker
Fernando Carramaschi
Edelver Carnovali
Patrícia Moraes
Luiz Fernando Faria

Superintendente
Gérald Perret

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Presidente
Cláudio Sonder

Vice-Presidente
Roberto Crissiuma Mesquita

Conselho
Aluízio Rebello de Araújo
Antonio Ermírio de Moraes
Carlos José Rauscher
Fernando Xavier Ferreira
Francisco Mesquita Neto
Gérard Loeb
Henri Philippe Reichstul
Henrique Meirelles
Jayme Sverner
Milu Villela
Pedro Herz
Plinio José Marafon
Salim Taufic Schahin

Conselho Consultivo
Affonso Celso Pastore
Alfredo Rizkallah
Hermann Wever
João Lara Mesquita
José Zaragoza
Mário Arthur Adler
Thomas Michael Lanz

SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Governador do Estado de São Paulo
Geraldo Alckmin

Secretário de Estado da Cultura
Andrea Matarazzo

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO – OSESP

Regente Titular
Yan Pascal Tortelier

Diretor Artístico
Arthur Nestrovski

FUNDAÇÃO ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO – Organização Social da Cultura

Presidente do Conselho de Administração
Fernando Henrique Cardoso

Vice-Presidente do Conselho de Administração
Pedro Moreira Salles

Diretor Executivo
Marcelo Lopes

Superintendente
Fausto Augusto Marcucci Arruda

Assessoria de Imprensa
Alexandre Félix
Desirée Furoni

Diretor de Marketing
Carlos Harasawa

Supervisora de Eventos
Mauren Stieven

Gerente de Comunicação
Marcele Lucon Ghelardi

Supervisora de Sites
Fabiana Ghantous

Supervisora de Publicações
Fernanda Salvetti Mosaner

Supervisora de Publicidade
Gabriela Sanchez

Departamento de Produção – OSESP
Analia Verônica Belli

Departamento de Operações
Mônica Cássia Ferreira

Produção
Alessandra Cimino
Angela da Silva Sardinha
Fabiane de Oliveira Araújo
Marildo Lopes de Sousa Jr
Mauro Candotti
Regiane Sampaio Bezerra
Vinicius Goy de Aro
Vivian da Silva Correa

Apoio a Eventos
Felipe Lapa
Demeter Tosin
Alexandre Catalano
Raimundo dos Santos

Departamento Técnico
Marcello Anjinho

Assistentes Técnicos
Ednilson de Campos Pinto
Melissa Limnios
Sérgio Cattini

Acústica
Cassio Mendes Antas
Reinaldo Marques de Oliveira

Iluminação
Paulo Pirondi

Som
Mauro Santiago Gois

Montagem
João André Blásio
José Neves da Silva

Controlador de Acesso – Encarregado
Sandro Marcello Sampaio de Miranda

Indicador – Encarregado
Samuel Calebe Alves

SALA SÃO PAULO

FUNDAÇÃO OSESP
ORGANIZAÇÃO SOCIAL DA CULTURA

GOVERNO DE SÃO PAULO

CREDIT SUISSE

O Credit Suisse tem orgulho de ser patrocinador da Sociedade de Cultura Artística

Credit Suisse. Patrocinador da Temporada Internacional 2011 da Sociedade de Cultura Artística.

Famosa por sua tradição pioneira e excelência coletiva, a Sociedade de Cultura Artística toca o público da mesma forma pela qual buscamos conquistar nossos clientes: pela performance. O Credit Suisse tem orgulho de ser patrocinador da Sociedade de Cultura Artística e continuará apoiando orquestras e festivais ao redor do mundo.

credit-suisse.com/sponsorship

A arte transforma as ideias, e as ideias transformam o mundo.

A arte transforma momentos, lugares e, principalmente, as pessoas. Por isso temos orgulho de patrocinar os concertos da Sociedade de Cultura Artística, levando a música clássica cada vez mais longe.

Telefônica. Patrocinadora da temporada internacional de concertos da Sociedade de Cultura Artística.

Telefónica